



GT 2 - POLÍTICAS DE TURISMO E LAZER NA PAN AMAZÔNIA

EXPERIÊNCIAS DE TURISMO NA FLORESTA NACIONAL DO TAPAJÓS: PRIMEIRAS IMPRESSÕES¹

Juliana Hamoy²

Flávio Henrique Lobato³

Mirleide Chaar Bahia⁴

INTRODUÇÃO

O turismo é constantemente associado à economia gerada ao lugar de destino, fator que tem sua relevância. Mas o turismo acontece não apenas para dinamizar a economia, e sim pela aventura (FIGUEIREDO; RUSCHMANN, 2004). O turismo, como atividade que utiliza a variedade de ecossistemas e paisagens para sua existência, transforma espaços em potenciais destinos turísticos. A Amazônia, a exemplo, por se tratar de uma região expressa por particularidades, se configura como um relevante destino turístico, no qual pessoas de diferentes lugares buscam ter novas experiências. Nessa região, a prática do turismo ocorre com frequência em áreas que são instituídas legalmente como Unidades de Conservação (UC) (BRASIL, 2000).

As UC no Brasil não foram criadas para atender especificamente uma demanda turística, porém, dependendo de sua categoria (uso sustentável e proteção integral) podem receber visitantes. Essa prática, além de contribuir com o aumento de oportunidades econômicas, também corrobora com a proteção do patrimônio natural e cultural, bem como com a melhoria da qualidade de vida (TAKAHASHI, 2004).

As Florestas Nacionais (FLONA) são UC de uso sustentável, “[...] com cobertura florestal de espécies predominantemente nativas e tem como objetivo básico o uso

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

² Mestre em Planejamento do Desenvolvimento, PPGDSTU/NAEA/UFPA, julianahamoy@gmail.com.

³ Mestre em Planejamento do Desenvolvimento, PPGDSTU/NAEA/UFPA, flaviohslobato@gmail.com.

⁴ Doutora em Ciências Socioambientais (NAEA/UFPA), Docente do PPGDSTU /NAEA/UFPA, mirleidebahia@gmail.com.

múltiplo sustentável dos recursos florestais e a pesquisa científica”, conforme o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) (BRASIL, 2000, s. p.). A visitação pública é permitida, porém é condicionada às normas de uso do plano de manejo.

Assim, a partir de uma abordagem social, este estudo, ainda em andamento, tem por objetivo refletir sobre as experiências de turistas na FLONA do Tapajós e a importância dessa UC para visitação. Metodologicamente, a pesquisa tem sido realizada a partir de estudos teóricos, documentais, entrevistas semiestruturadas e formulários via *google forms*. As entrevistas foram realizadas por meio de um roteiro pré-formulado de oito perguntas e foram organizadas da seguinte forma: ao abordar os possíveis informantes, foi perguntado se estes tinham disponibilidade de tempo para uma entrevista via aplicativo de mensagens “*whatsapp*”.

Dentre os 13 informantes, apenas 4 se disponibilizaram para uma entrevista via áudio. Os demais participaram da pesquisa a partir do preenchimento do formulário, com questões abertas e de múltipla escolha. A coleta de dados com os informantes aconteceu entre os meses de setembro e outubro, sendo realizadas junto a pessoas que praticaram atividades de lazer e turismo na FLONA. Cabe pontuar que um dos entrevistados, além de praticar lazer na FLONA, atua como organizador de atividades ciclísticas que acontecem na FLONA. Os formulários, dado o andamento da pesquisa, foram até o momento preenchidos por 9 pessoas.

PRIMEIROS CONTATOS, PRIMEIRAS IMPRESSÕES SOBRE O CAMPO

Embora o turismo seja uma experiência provocada pela viagem (FIGUEIREDO; NÓBREGA, 2015), não é apenas o deslocamento que o define. As experiências socioculturais produzidas e possibilitadas pelo traslado em um dado tempo/espaço social são igualmente fundamentais, uma vez que os turistas são sujeitos essenciais para que a atividade ocorra. Entrementes, com a disseminação de lógicas globais de consumo, o turismo tem sido concebido como uma experiência compensatória que possibilita um “anticotidiano”: uma alternativa que se polariza ao cotidiano corrido e estressante das grandes cidades. A vida moderna, ao mesmo tempo que cansa os indivíduos, se utiliza também dessa fadiga para comercializar práticas de lazer e turismo, com a promessa de quebrar da rotina e de degustar dos prazeres e *status* que essas experiências oportunizam (KRIPPENDORF, 2001), principalmente quando associadas à natureza.

A possibilidade de acessar uma UC é capaz de facilitar a compreensão do ser humano sobre a importância de preservação da diversidade biológica, o que pode

contribuir para o equilíbrio ambiental. O acesso de visitantes à uma UC possibilita a proteção do patrimônio natural e cultural, de modo que protege os processos ecológicos, auxilia a desenvolver mecanismos de financiamento para UC, cria valores econômicos e protege recursos que não seriam percebidos pela comunidade local de outra forma, assim como transmite valores de conservação por meio da educação e interpretação ambiental (TAKAHASHI, 2004). Ademais, contribui com a melhoria da qualidade de vida a partir da promoção de valores estéticos, espirituais e de bem-estar; apoia a educação ambiental para visitantes e comunidade local; estimula o desenvolvimento da cultura, artes e artesanato; aumenta o nível educacional da comunidade local e do visitante; e estimula a comunidade a valorizar sua cultura e ambiente regional (TAKAHASHI, 2004).

Para melhor compreender sobre essas experiências, foram ouvidos 13 turistas que visitaram a FLONA entre 2018 e 2021. Os informantes eram oriundos de: 04 de Belém (PA), 03 de Santarém (PA), 01 de Itaituba (PA), 01 de Castanhal (PA), 01 de Araraquara (SP), 01 de Santana de Parnaíba (SP), 01 de São Paulo (SP) e 01 de Brasília (DF).

A primeira pergunta aberta aos turistas foi sobre a motivação para visitar a FLONA. As respostas se concentraram na mesma linha de pensamento, qual seja: “explorar a região”; “as belezas do local” e “querer ver a natureza” foram as principais respostas. Tais frases certamente estão atreladas a pelo menos duas narrativas: 1) de aproximação e/ou conexão com a natureza e a ancestralidade dos povos da floresta e 2) das experiências veiculadas nas redes sociais, criando uma imagem “*instagramável*”⁵ sobre esses locais, tidos como “oásis” ou “paraísos”.

Nessa direção, em outra pergunta, se questionou o que as práticas de lazer e/ou turismo na FLONA despertam e qual a importância dessas práticas nesse espaço. As respostas foram “Conhecer mais o Brasil” e “Muito importante, pois visa proteger a floresta e gerar renda para a população que reside no entorno”. Nas palavras dos informantes, considerando os parâmetros da sustentabilidade, o turismo

[...] poderá ser um dos alicerces para a preservação do patrimônio natural e cultural da FLONA e incentivará sua conservação trazendo recursos/bem estar para a comunidade que ali vive e este tipo de turismo forma uma consciência ambientalista nos turistas.

Ao se considerar que no turismo a qualidade da experiência depende da infraestrutura, buscou-se saber qual avaliação dos interlocutores sobre a estrutura da

⁵ O termo “*instagramável*” se configura como um neologismo criado contemporaneamente, para designar características estéticas e comportamentos de usuários das redes sociais, especialmente, o *Instagram*. São comportamentos, ambientes e estéticas construídos, intencionalmente, para serem registrados em fotos e em vídeos curtos e, então, demonstrar o ideal de vida feliz (SALAZAR, 2017).

FLONA para a prática do lazer. Com as opções de respostas sendo “Boa”, “Razoável” e “Ruim”, 55,6% dos informantes avaliaram a estrutura como “Boa”, para 33,3% como “Razoável” e para 11,1% a estrutura foi considerada “Ruim”. Para uma informante,

É necessários os moradores terem acesso à internet. A falta de pagamento em cartão restringe muito o turismo. Não somos informados que devemos carregar dinheiro o tempo todo. Todas as pessoas são gentis e prestativas, mas deixei de comprar mais artesanato pela falta de opção de pagamento como cartão ou pix”.

Sobre a utilização de algum serviço oferecido pelas comunidades: 77,7% deles informaram o consumo de alimentos e bebidas e passeios ofertado pelos comunitários da Jamaraquá e/ou São Domingos, 11,1% utilizou serviço de condutor de trilhas e 11,1% respondeu que o transporte foi fornecido pelos comunitários no sentido Santarém até a FLONA. Sobre os serviços prestados, 77,8% dos turistas avaliaram a prestação de serviço como “Boa” e a os outros 22,2% apontou como “Razoável”. Sobre algum tipo de sensibilização quanto à educação ambiental para adentrar na FLONA, 55,6% responderam que sim, e 44,4% disseram que não. Nessa pergunta, um entrevistado justificou que a ausência de alguma atividade de educação ambiental foi a maior fragilidade percebida na atividade turística na FLONA.

Dentre as principais dificuldades citadas, o acesso a FLONA, e mais especificamente às comunidades, foi destacado com recorrência. Isso porque existem inúmeras placas de acesso à FLONA, mas ao chegar dentro de seus limites não há sinalização quanto ao direcionamento das comunidades. Na fala de uma das entrevistadas, ela afirma que “[...] tem dificuldade de acesso por falta de placa. Tem várias entradas. Mas não tem placas de localização das comunidades.” Outro ponto citado foi sobre a estrutura básica para atender os visitantes. Na fala de um informante, ele afirma:

Sentimos um pouco a falta de estrutura básica para turistas. Inclusive, apesar do nosso passeio ter sido agendado com antecedência, tivemos a notícia ao chegar de que não havia guia para nos conduzir. [...] A impressão que ficou é de que não existe ainda uma organização efetiva para essa espécie de turismo na região.

Em contrapartida, outro informante ainda que reiterando a desorganização, afirmou que todos da comunidade (Jamaraquá) foram muito solícitos e simpáticos, disponibilizando até uma rede para descanso após o almoço e antes do retorno.

A experiência de cada viajante é sempre singular, porém algumas percepções se mostram similares. Ao viajar, o turista pode consumir inúmeros serviços, os quais contribuem para essa experiência ser positiva (ou não). No tocante às experiências relatadas sobre o turismo na FLONA do Tapajós, pode-se compreender que apesar de as

muitas fragilidades de estrutura e planejamento, o destino se mostra potencial para desenvolver mais a atividade turística.

Nas palavras de um informante: “A gente percebe que tem alguns problemas de organização, mas a imensidão daquele espaço, daquela natureza, faz a gente nem perceber mais nada”. Ao mesmo tempo que outro informante afirma que: “É uma experiência de imersão na alma do planeta. Uma forma de se conectar com o nosso patrimônio, nossa biodiversidade e apoiar as comunidades locais no trabalho de preservação e conscientização ambiental”, outro aponta que “Acredito que falta muito investimento em turismo na região.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que as UC, no que toca à prática do turismo, são espaços que permitem e, de certo modo, induzem uma amplitude de entendimento sobre a realidade em que vivemos. São espaços a serem valorizados mantidos e respeitados tanto pela questão ambiental quanto social. Para além da necessidade de investimento na infraestrutura local e turística da FLONA, a visitação pode contribuir como uma educação ambiental, que, a partir dessa experiência, é possível que o visitante se mostre mais sensível não apenas às problemáticas ambientais, mas também ao resguardo de áreas protegidas.

Palavras-chave: Turismo. Unidades de Conservação. Floresta Nacional do Tapajós.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000.** Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. Brasília, DF, 2000.

FIGUEIREDO, S. L.; NOBREGA, N. Turismo e desenvolvimento regional: conceitos e políticas em um caso brasileiro. In FIGUEIREDO, S. L.; NOBREGA, N. AZEVEDO, F (Org.). **Perspectivas contemporâneas de análise em turismo.** Belém: NAEA/UFGA, 2015

FIGUEIREDO, S. L.; RUSCHMANN, D. V. de M. Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. **Novos cadernos NAEA**, v. 7, n. 1, 2004.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo:** para uma nova compreensão do lazer e das viagens. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

SALAZAR, M. M. O instagramável: estética e cotidiano na cultura visual do Instagram. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 40., Curitiba, 2017. Anais [...],* Curitiba: INTERCOM, 2017. p. 1-15.

TAKAHASHI, L. Uso público em unidades de conservação. **Cadernos de Conservação.** Curitiba: Fundação O Boticário de Proteção à Natureza. out. 2004.